

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

2



Atena
Editora
Ano 2022

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

2



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Gênero e sexualidade: lugares, história e condições 2

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gênero e sexualidade: lugares, história e condições 2 /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0281-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.817222605>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Ferreira,
Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *Gênero e sexualidade Lugares, história e condições*, reúne neste segundo volume onze artigos para problematizar as relações de gênero na contemporaneidade.

A partir da virada do século XIX para o XX, com o advento da Psicanálise, estudando a histeria e se questionando sobre o que quer uma mulher, e com as discussões em torno das Ciências Sociais e Humanas, que procuravam encontrar um lugar social para os homens e mulheres, e sobretudo, com o advento das pesquisas culturais e feministas, indagando sobre a participação dos grupos minoritários na sociedade, as pesquisas sobre sexualidade e gênero ganham espaço nos meios acadêmicos.

Do questionamento sobre como se constrói uma mulher, à despatologização da homossexualidade, e à luta pela igualdade de direitos, um leque infinito de possibilidades discursivas é aberto, na tentativa tanto de remediar os efeitos danosos de intolerância e tradicionalismo, quanto de construção de subjetividades impares.

Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de leituras sobre a questão do gênero surja para cada leitor.

Uma boa leitura a todos!


Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1 A FUNÇÃO SOCIAL DO TRABALHO DE MULHERES NEGRAS BENZEDEIRAS E REZADEIRAS MORADORAS DA MICRORREGIÃO DE VIÇOSA/MINAS GERAIS

Teresinha de Jesus Ferreira


Antônio Marcos de Oliveira Siqueira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226051>

CAPÍTULO 2..... 10 AGORA É QUE SÃO ELAS: UM ESTUDO SOBRE O EMPODERAMENTO DE MENINAS E A IGUALDADE DE GÊNERO NO ENSINO MÉDIO

Josélia Rita da Silva

Rafael Soares Salles

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226052>

CAPÍTULO 3..... 28 RESIGNIFICAÇÕES DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER


Anna Christina Freire Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226053>

CAPÍTULO 4..... 40 PATRIARCADO, *INSTAGRAMMERS*, RELAÇÕES DE CONSUMO: UM OLHAR DISCURSIVO SOB PERSPECTIVA DOS DIREITOS HUMANOS

Sara Asseis de Brito

Icléia Caires Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226054>

CAPÍTULO 5..... 64 O LUGAR DA PROSTITUTA NO OCIDENTE: APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE O TRABALHO SEXUAL

Rosemary Fernandes Correa Alencar

Gabriela Ramos Miranda

Vanessa Mairla Lima Braga

Tania Cristina Cardoso

Jayna Pereira Fontes dos Santos

Leula Campos Silva

Maria Almira Bulcão Loureiro


Ana Cassia Martins Ribeiro Cruz







Alda de Nátia Martins Bottentuit

Nicanor Urbano Pinheiro de Sousa

Gilvania Batista Santos

Elzimar Costa Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226055>

CAPÍTULO 6	79
MULHERES/AMANTES: REPRESENTAÇÕES SOBRE A CONDIÇÃO DE SER A “OUTRA”	
Maria Jorge dos Santos Leite	
Alexsandra Dias Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226056	
CAPÍTULO 7	89
IMPACTO DEL ACCIONAR DEL CENTRO DE EMERGENCIA MUJER EN LA VIOLENCIA DE GÉNERO DE LA MUJER DEL ALTIPLANO PERUANO	
Juana Victoria Bustinza Vargas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226057	
CAPÍTULO 8	102
HOMOSSEXUALIDADE E O DIREITO CONSTITUCIONAL À SAÚDE: REFLEXÕES EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE NO BRASIL	
Victor Hugo Milagres	
Lara Fieto de Toledo	
Lana Francischetto	
Ísis Micaelly de Oliveira Morais	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226058	
CAPÍTULO 9	110
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE	
Kathleen dos Santos Silva	
Brenda de Lima Pinto da Silva	
Beatryz Andrade Lira	
Katuscia Kintschev	
Zaira de Andrade Lopes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226059	
CAPÍTULO 10	122
A VIOLÊNCIA TRANSFÓBICA NO ESTATUTO TEÓRICO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: CONTRIBUIÇÕES DE PERSPECTIVAS FEMINISTAS PARA UM ESTUDO DO TRANSFEMINICÍDIO E DA PRECARIIDADE SOCIAL DE MULHERES TRANS	
Silvana Marinho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.81722260510	
CAPÍTULO 11	134
ANÁLISE DOS EFEITOS JURÍDICOS E SOCIAIS DOS PROJETOS DE LEI APRESENTADOS EM SANTA CATARINA CONTRA GRUPOS IDENTITÁRIOS TRANS GÊNEROS	
Maria Lis Cardoso	
Luiz Harley Caires	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.81722260511	
SOBRE O ORGANIZADOR	158
ÍNDICE REMISSIVO	159

CAPÍTULO 1

A FUNÇÃO SOCIAL DO TRABALHO DE MULHERES NEGRAS BENZEDEIRAS E REZADEIRAS MORADORAS DA MICRORREGIÃO DE VIÇOSA/ MINAS GERAIS

Data de aceite: 02/05/2022

Teresinha de Jesus Ferreira

Militante da União de Negros Pela Igualdade (UNEGRO) Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa Minas Gerais e Mestranda em Patrimônio Cultural Paisagens e Cidadania no Departamento de História na Universidade Federal de Viçosa

Antônio Marcos de Oliveira Siqueira

Colaborador Professor Associado II da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

RESUMO: Este trabalho apresenta uma proposta de pesquisa que tem como intuito compreender como mulheres negras e brancas benzedeadas e rezadeiras e homens negros e brancos, moradores do município e da microrregião de Viçosa/MG, aprenderam tal ofício e a realização do mapeamento onde estas práticas permanecem até hoje. Nesse sentido, busca-se entender como e com quem elas e eles aprenderam benzer e rezar e os benefícios trazidos para comunidade que se utilizam dessas práticas, como foram transmitidas para as futuras gerações essas sabedorias a partir da construção de suas próprias memórias e identidades. O foco nas mulheres negras está relacionado a necessidade de compreender a relação da condição de raça e gênero, suas eventuais desigualdades, e as dinâmicas religiosas afro-brasileiras. As práticas dessas mulheres evidenciam um processo de resistência identitária e religiosa frente ao fundamentalismo cristão que cresce como política estatal, promovendo a perseguição religiosa

desses grupos minoritários. Apesar dos avanços científicos no campo da saúde, essas mulheres têm uma função bastante relevante em suas comunidades tanto nos processos de cura quanto na preservação de um conhecimento tradicional sobre plantas medicinais e, sobretudo, na afirmação de aspectos da cultura e identidade afro-brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Benzedeadas e rezadeiras. Práticas religiosas afro-brasileiras. Conhecimento tradicional.

THE SOCIAL FUNCTION OF THE WORK OF BLACK WOMEN WHO BLESS AND PRAY IN THE VIÇOSA / MINAS GERAIS

ABSTRACT: This work presents a research proposal that aims to understand how black and white black women and mourners and black and white men, residents of Viçosa and the microregion of Viçosa / MG, learned such craft and the mapping where these practices remain until today. In this sense, I will try to understand with whom and how they and they learned to bless and pray and the benefits to the community that make use of these practices, as these wisdoms pass to future generations from their own memories and identities. The focus on black women is related to the need to understand the relationship of race and gender condition, their eventual inequalities, and Afro-Brazilian religious dynamics. The practices of these women show a process of identity and religious resistance against the Christian fundamentalism that grows as a state policy, promoting the religious persecution of these minority groups. Despite the scientific advances in the health field, these women play a

very relevant role in their communities, both in the healing processes and in the preservation of traditional knowledge about medicinal plants and, above all, in the affirmation of aspects of Afro-Brazilian culture and identity.

KEYWORDS: Benzedeadas and mowers. Afro-Brazilian religious practices. Traditional knowledge.

INTRODUÇÃO

Na história do Brasil as práticas populares de cura e a medicina estabeleceram uma relação de complementaridade e de conflito. Com a Modernidade e os avanços do conhecimento científico, a medicina foi se sobrepondo às práticas populares. Contudo, pode-se perceber na atualidade a permanência das benzeduras, benzedeadas e raizeiras com todo um conhecimento ancestral preservado com o auxílio da história oral.

Desde o Brasil Colônia, os povos que habitavam o território, no caso os indígenas que viviam aqui muito antes dos europeus chegarem, e os africanos inseridos pelo escravismo colonial já realizavam rituais de cura de suas enfermidades com o uso de plantas e ervas. Tratava-se de todo um conhecimento ancestral sobre rituais de cura através do uso de plantas. No entanto, com a chegada dos portugueses ocorreu o que conhecemos hoje por sincretismo religioso, a partir daí as crenças e práticas de cada povo passaram a conviver no mesmo contexto histórico. Com isto, o conhecimento das benzedeadas, rezadeiras e raizeiros passaram a ser deixadas de lado em detrimento da medicina europeia, que julgava os saberes populares das rezadeiras, benzedeadas e raizeiros como sendo práticas de feitiçaria. Assim, as curas por meio das práticas naturais passaram a ser consideradas bruxarias.

As detentoras e detentores desses saberes, sempre tiveram a preocupação em preservar, proteger e transmitir esse conhecimento de cura da medicina popular de geração para geração através da oralidade. Isso nos permite hoje ter-se contato com essas práticas e saberes, iniciados no Brasil Colônia alcançando os nossos dias atuais. Ou seja, podem-se encontrar essas infinitudes de saberes, devido à importância da oralidade na transmissão desses saberes, que atravessaram gerações e se mantém viva. Pode-se constatar que as benzedeadas, ao mesmo tempo em que constituem uma identidade coletiva, tendem a apresentar formas bastante individualizadas no seu fazer nos modos de benzer, em conformidade com a diversidade cultural de suas referências. Em muitas cidades do interior do Brasil, a prática das benzeduras ainda é muito forte, muitas vezes se recorre à medicina tradicional (médicos, hospitais e remédios alopáticos), mas também se pede auxílio às benzedeadas.

Em geral, são mulheres que se dedicam a ajudar e curar a população com o auxílio de chás, pomadas, infusões e fé, e isso é uma questão cultural. É importante ter em mente que cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual se deve “procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas

quais estas passam” (SANTOS, 1987, p. 8).

A busca pelo reconhecimento do ofício de benzedeadas, curadoras e costureiras de machucaduras teve início em 2008 na cidade de Rebouças (PR). A Câmara Municipal de Rebouças aprovou, em 2010, a Lei n.1.401/2010 que reconhece os conhecimentos das benzedeadas como ofício tradicional de saúde popular. A regulamentação dessa lei propiciou ao grupo de benzedeadas, benzedeados e raizeiros um *status* de conhecimento em relação aos conhecimentos relacionados à saúde pública e a garantia de que possam exercer e coletar plantas medicinais nativas e exercer o ofício de agente de saúde popular (Paraná Shop, 2015).

No município de Viçosa/MG, esta luta pelo reconhecimento do ofício não é diferente do que ocorre em outros municípios e estados brasileiros. No primeiro semestre de 2018, em conjunto com o Programa de Saúde da Família (PSF), do bairro Santa Clara iniciou-se um trabalho com as folhas de chás na unidade de saúde, mas devido a saída da organizadora do projeto e a falta do incentivo do poder público, o projeto não teve continuidade.

Por isso, a importância de realizar uma pesquisa nesta linha para poder consolidar o ofício das agentes de saúde popular, das benzedeadas, rezadeiras benzedeados e raizeiros, do município de Viçosa/MG. Haja vista que em toda parte do interior do Brasil, encontram-se mulheres e homens que exercem o ofício de benzedeadas, rezadeiras, benzedeados e raizeiros. Quem não se lembra de na infância ter sido levado pela avó ou mãe em uma benzedeadas para curar de um mau-olhado, dor de cabeças e quebranto?

Verifica-se, que a cada dia, as benzedeadas vêm conquistando seu espaço, na comunidade em que vivem, como no município e da microrregião de Viçosa/MG. Esta conquista se estabelece, dentre muitos outros aspectos, a partir da vinculação que elas fazem entre o seu “dom”, sua história e suas memórias, que se constituem parte de todo um processo de identificação e auto definição de tais pessoas.

Este trabalho tem como foco as mulheres negras no ofício de benzedeadas e rezadeiras, pois há a necessidade de compreender a relação da condição de raça e gênero, e suas eventuais desigualdades, bem como as dinâmicas religiosas afro-brasileiras. As práticas dessas mulheres evidenciam um processo de resistência identitária e religiosa frente ao fundamentalismo cristão que cresce como política estatal, promovendo a perseguição religiosa desses grupos minoritários.

DESENVOLVIMENTO

As benzedeadas e rezadeiras normalmente são pessoas simples da comunidade, que praticam a caridade para com os doentes e necessitados de ajuda para um problema de ordem física ou mesmo, espiritual. Tais mulheres são respeitadas por praticarem o bem desinteressadamente, não visando a nenhum benefício próprio.

A coleta preliminar de dados, neste estudo que já identificou mais de 10 benzedeadas

em diversos pontos da cidade de Viçosa, mostra que esta realidade não é diferente. E o atendimento feito por elas são rezas e benzeções contra mau-olhado, dor de cabeça, para arranjar emprego, questões amorosas, financeiras, quebranto, espinhela-caída, cobreiro e problemas espirituais. Nesse sentido, o ato de benzer, também chamado de “rezar”, ainda pode ser utilizado para levar bem-estar a um lugar. Em geral, segundo Mãe Du, as pessoas que buscam por estes atendimentos são pessoas de várias classes sociais, brancas e pretas.

Outro ponto importante que se observa é que a prática do benzimento é geralmente praticada por pessoas mais velhas, que aprenderam o ato/ofício de benzer com suas mães e avós. E elas asseguram que a benzeção só funciona se as pessoas benzidas tiverem fé.

Nas práticas dessas mulheres (que envolvem algumas vezes, rezas para tirar mau-olhado e quebranto do corpo), percebe-se que existe um laço entre o seu “dom”, sua história e suas memórias que nos fazem entender melhor a maneira como estas ligações interferem na cultura popular das benzedeiros. Neste sentido, propõem-se analisar, em uma pesquisa de mestrado na Universidade Federal de Viçosa (UFV), como estas memórias interferem no dia-a-dia dessas mulheres e homens conhecidos como benzedeiros, rezadeiras, benzedeiros e raizeiros e de que maneira se fundamentam a existência de tais pessoas. Busca-se também responder a questão: qual a ligação da prática de benzeção com o sagrado, com o simbólico e com o material?

Segundo Queiroz (1997), leva-se em conta todo este processo de análise das memórias tomando em consideração o modo como estas pessoas vivem, bem como sua cultura, suas noções de vida e de mundo, suas concepções acerca desta cultura, mais propriamente deste ofício, tratado por tais pessoas como um dom, recebido por Deus para auxiliar o próximo (QUEIROZ, 1997 p. 120).

Também se faz presente no processo de análises das memórias as discussões a respeito do tema, que ora é relacionado às práticas da medicina popular, ora às manifestações culturais religiosas. Não se descarta estas análises, mas ao contrário, baseiam-se nelas para, a partir de uma comparação estabelecer que, não são apenas estes fatores que determinam a permanência desta cultura, porém é a existência de uma memória individual e coletiva que faz com que estas demais configurações culturais sejam possíveis.

Conforme Cunha (2017, p.227), a memória e a identidade trazem à tona as lembranças resgatadas por tais pessoas e faz com que estas passem a ter uma autoafirmação, ou seja, esta memória, vinculada a seu saber e também ao simbólico e ao sagrado faz com que as benzedeiros continuem lutando por sua cultura, pela permanência de sua tradição. A memória então, estabelece-se de igual maneira, como força de resistência e de identificação numa cultura que está passando por um processo de ressignificação e autoafirmação.

Nestes termos, a benzeção se enquadra nas práticas médicas populares religiosas que são definidas, segundo Queiroz (1997, p.20), como todas “as representações e

práticas relativas à saúde e à doença que se manifestam independentemente do controle da medicina oficial, ou seja, aquela medicina institucionalizada e regulamentada pelo poder público constituído”.

Precisa-se entender que a benzeção é um ritual que se caracteriza por objetos, orações, expressões corporais relacionadas à cura, no intuito de eliminar os males espirituais do corpo e da alma da pessoa como, por exemplo, as benzedadeiras que benzem com um copo de água e as brasas para retirar o mau-olhado, e dor de cabeça, e o quebranto. Contudo, os males espirituais alteram a saúde e trazem uma série de desequilíbrios para o corpo e quando a pessoa recebe um passe, descarrego ou somente uma reza feita pelos mestres destes saberes de cura restabelecem a energia positiva do corpo da pessoa.

Para Queiroz (1997, p. 88), “mau-olhado” é uma forma de inveja produzida com um olhar cobiçoso. O sentimento que o acompanha teria o poder de enfraquecer o objeto da cobiça. Se for, por exemplo, uma planta, ela tenderia a definhar; se for a sorte de uma pessoa, ela poderia passar a ter azar e assim por diante.

Segundo Cascudo (1984, p.486.487), o quebranto é referente às “influências exteriores malélicas do feitiço, do mau-olhado”. É o feitiço por fascinação, a distância, sem a coisa feita, o ebô intermediário, a muamba ou mandinga”.

Realizamos uma entrevista gravada em áudio com a senhora Maria do Carmo Viana, mais conhecida como Mãe Du, é moradora do Distrito de Cachoeira de Santa Cruz, Município de Viçosa/MG, é praticante da religião espírita, dirigente *da Casa de Caridade Vó Cambinda da Fronteira da África* e do *Centro Cultural Dolores Ventura*. Ela tem 61 anos de idade e é mãe de quatro filhos (três moças e um rapaz). Ela também cria uma neta.

“O início da benzeção foi a minha primeira incorporação eu não tinha muita intimidade com a espiritualidade e sim com a benzeção (reza) desde criança, minha vó já benzia na brasa, levava a gente para benzer me aprofundei mesmo dentro da espiritualidade, ai eu não era benzida eu era benzedeira e com 13 anos de idade tive minha primeira incorporação daí para frente começou tudo mesmo sem entender nada a espiritualidade incorporava via e fazia as benzeções e com o passar do tempo fui aprendendo as rezas e aperfeiçoando e estou dentro da benzeção há 49 anos” (CADERNO DE CAMPO, 2021).

Mãe Du fala ainda que “todas as ervas sagradas, todos os raminhos sagrados se usam como ramo de benzeção né depende da situação, do lugar que você está, a hora da benzeção se você precisar do raminho qualquer um raminho que está do seu lado ele é sagrado ele serve para benzer”.

Segundo Mãe Du, os motivos que as pessoas procuram para benzer são vários como, por exemplo: problemas de saúde, trabalhos feitos ou mal feitos, macumbaria, feitiçaria, questão de justiça.. E agora com a pandemia, segundo disse, as pessoas a procuram para entender melhor esta questão de ter que fazer este repouso forçado com sabedoria e entendimento e finaliza dizendo que é procurada por pessoas de diversas

religiões.

Mãe Du ressalta, ainda, que as pessoas ficam sabendo sobre o trabalho de benzeção dela através da oralidade “uma pessoa benze gosta fala para outra, se você faz uma coisa boa é bem vista e tem também as redes sociais, e devido o tempo de trabalho espiritual, o resgate ancestral, as visitas aos quilombos o trabalho dele acaba se propagando e não precisa de divulgação em jornal ou cartãozinho”. Para ela, é preciso fazer um trabalho com a verdade de quem está benzendo, além de vários anos de benzeção.



Mãe Du em atividade da Consciência Negra na UFV, 2016.

Foto: NEAB Viçosa/UNEGRO Viçosa.

Mãe Du fala ainda que “a aceitação aqui na minha comunidade é muito tranquila, porque aqui é uma terra de Congo, terra de pessoas de Sabedoria Ancestral, tem alguma diversidade, mas aí temos que saber levar esta diversidade, não quer dizer que vai aceitar. Eu ganhei a medalha Tiradentes por ser líder comunitária aqui do bairro na ajuda com as benzeções, rezas com as ervas, chás e a ajuda na melhoria do bairro”.

O reconhecimento feito pela comunidade, segundo Mãe Du, trouxe para ela mais confiança para fazer o trabalho no bairro e para continuar ajudando as pessoas que precisam: “foi muito gratificante e me deu mais coragem para continuar”. Ela explica que a gente que é negro e vive da espiritualidade, do resgate da ancestralidade e colocando “a cara para bater, querendo ou não acaba correndo até risco de vida por participar destes grupos de resistência”. Percebe-se, então, que existe um laço entre estes três fatores o seu “dom”, sua história e suas memórias que nos fazem entender melhor a maneira como estas ligações interferem na cultura popular das benzedeadas.

Segundo Queiroz (1997, p. 120) leva-se em conta todo este processo de análise das memórias tomando em consideração o modo como estas pessoas vivem, bem como sua cultura, suas noções de vida e de mundo, suas concepções acerca desta cultura, mais propriamente deste ofício, tratado por tais pessoas como um dom, recebido por Deus para auxiliar o próximo.

Todavia, ofício de benzedeiras, rezadeiras, benzedeiros e raizeiros têm desaparecido ao longo dos tempos e o presente trabalho tem como objetivo proteger e preservar esta tradição de benzedeiras, benzedeiros e raizeiros que tem sido passada por várias gerações.

Outro ponto importante que se pretende com a pesquisa em andamento é a realização do mapeamento no município e na microrregião de Viçosa/MG, visando localizar onde essas práticas ainda são presentes. Tendo em vista que apesar de existir algumas pesquisas no Brasil sobre o assunto, contudo, na cidade de Viçosa ainda há muito para ser feito quando se trata de conhecimento tradicional.

Neste contexto evidencia-se a necessidade de novas pesquisas com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre o tema, buscar informações que permitam verificar a possibilidade do reconhecimento do saber tradicional das benzedeiras como ofício de saúde popular, para que no futuro elas possam ter garantidas na forma da Lei o direito de exercerem seus saberes como agentes de saúde popular.

De acordo com o exposto, as benzedeiras estão inteiramente ligadas ao sagrado e agem como intermediárias das forças sobrenaturais. Nesse sentido, a ação de benzer e levar a cura às pessoas que as procuram acabam por integrar as questões sociais, dando visibilidade a essas mulheres e homens que, através do seu papel de agentes de saúde popular e social de sua comunidade, fortalecem sua identidade e ganham legitimidade social. Assim, as benzedeiras ao realizar o ofício de cura, tornam-se agentes sociais do seu meio, atuando também em defesa política da sua comunidade.

Por ser uma manifestação ligada à religião, e por solucionar os problemas do dia a dia das pessoas que a procuram na sua comunidade, tais como benzer de quebranto, dor de cabeça, problemas amorosos, de justiça, etc.), a benzeção pode ser caracterizada como uma prática social, a partir do momento em que ela passa a ser uma forma alternativa de obter a cura, ressignificando as doenças do cotidiano.

Por outro lado, a feitiçaria mostrava-se estreitamente ligada às necessidades iminentes do dia a dia, buscando a resolução de problemas concretos. Por outro, aproximava-se muito da religião vivida pela população, as receitas mágicas assumindo com frequência a forma de orações dirigidas a Deus, a Jesus e aos santos, à Virgem Maria (SOUZA, 1989, p. 16).

De acordo com Durkheim (2003, p24), o sagrado está ligado às representações das atividades da vida social cotidiana, os fatos reais, concretos, praticados pelo homem, assim o sagrado está intimamente ligado ao profano, que está presente nas ações dos homens. Ainda de acordo com Durkheim, “as crenças religiosas são representações que exprimem

a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm, em si, seja com as coisas profanas”.

CONCLUSÃO

Diante do exposto pode-se concluir que benzimento é o ato de benzer, bem dizer a alguém ou algo. O ato de benzer das benzedeadas, rezadeiras e raizeiros é uma ciência ancestral de cura. Ou seja, é uma cultura passada de geração para geração e sempre esteve e está presente em várias culturas da humanidade. A benzeção apoia-se no instinto, na fé, utilizando-se, muitas vezes, ervas e de elementos da natureza. No benzimento compreende-se que não há separação do corpo com relação ao sagrado e a ancestralidade. Além disto, o benzimento tem o poder de retirar os males que afligem o corpo ou a alma, elevando os nossos pensamentos, emoções, relações e o próprio corpo.

As benzedeadas ou rezadeiras, utilizam sempre da sua fé pessoal, clamando por vezes ajuda de forças superiores que auxiliam nas suas benzeções. Por isso, o reconhecimento social das benzedeadas vem dos seus serviços prestados, do êxito de suas práticas, bem como da conduta moral assumida pela mesma. Também, pode-se ressaltar a importância destes novos atores sociais e do reconhecimento do ofício de benzedeadas como agentes de saúde popular, uma vez que são mulheres e homens atuantes em sua comunidade.

A legitimidade social da benzedeadas está condicionada à eficácia de suas orações que, conseqüentemente, lhe trarão prestígio social, à medida que suas práticas obtenham sucesso. É a comunidade, o povo, o consulente, quem legitima a benzedeadas. Como afirma Brandão: “não é porque uma crença é verdadeira que a comunidade acredita nela; é porque a comunidade acredita nela que ela é verdadeira” (BRANDÃO apud QUINTANA, 1999, p.41).

Hoje em dia o benzimento já não é tão praticado, mas continua a ser entregue nas mãos dos descendentes passando de avô(ó) para neto(a) ou, simplesmente, dos mais velhos para os mais moços. Talvez estes não detenham tanta “sabedoria”, no entanto, conhecem os desafios de seu tempo e lutam por preservar e perpetuar esta cultura, este conhecimento universal.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. São Paulo: Editora S.A., 1980.

BRANDÃO, C. R. *Memória do sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BRASIL. *Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos povos e comunidades tradicionais*. Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos povos e comunidades tradicionais. Folder divulgação. MDS. 2007.

CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5ª. Ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 1984.

CUNHA, Lidiane Alves da. ASSUNÇÃO. Luiz Carvalho. Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedadeiras. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 09, n. 27, p. 189-227, Jan/Abr 2017.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, Jerusa Pires. Os ofícios tradicionais. In: *Revista USP*, São Paulo (29), Março -Maio 1996, p. 102-106.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Assim se benze em Minas Gerais*. Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 2004.

MOURA, E. C. D. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. In: *MNEME Revista de Humanidade* (29), 2011.

PIMENTA, T. S. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: CHALOUB, S. et al. (Org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil* 308-330. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

QUEIROZ, M. S. Representações sobre benzimento, automedicação & medicinas alternativas. In: *A endemia hansênica: uma perspectiva multidisciplinar* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 120 p.

QUINTANA, Alberto. Manuel. *A Ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. São Paulo: EDUSC, 1989.

REBOUÇAS (Município). *Lei Municipal 1401*, 11 de fevereiro de 2010.

RIBEIRO, M. M. *A Ciência dos Trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, J. L. *O que é cultura*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria* São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

THOMPSON, E. *A Voz do Passado: História Oral*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1992.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolicionismo 65

accionar 4, 89, 90, 94, 95, 98, 99

Amante 79, 80, 82, 84, 85, 86, 88

Amor 79, 81, 82, 84, 85, 87

A “Outra” 4, 79, 80, 84, 87

B

Benzedeiras e rezadeiras 3, 1, 3

C

Calidad de vida 89, 94, 95, 98, 99

Compromisso ético e político 111

Conhecimento tradicional 1, 7

D

Direito 4, 7, 31, 32, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 53, 59, 60, 62, 63, 76, 77, 102, 106, 107, 108, 109, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 151, 155, 156

Direito à saúde 102, 106, 107, 108

Discurso 40, 41, 42, 43, 44, 48, 49, 53, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 68, 70, 74, 124, 128, 129, 131, 132, 134, 136, 143

E

Espaços coletivos 111

Estudos de gênero 111, 112, 114, 116, 117, 120

F

Feminismos 48, 122, 123, 131

H

Homossexualidade 2, 4, 75, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 142, 149

I

Igualdade de gênero 3, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 30, 33, 48, 87

M

Mulher 2, 3, 12, 13, 14, 21, 22, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 66, 70, 71, 74, 75, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 107, 108, 109, 116, 117, 118, 120, 121, 126, 128, 129, 130, 137, 146, 147, 151, 152

Mulheres trans 4, 122, 126, 127, 128, 130, 131, 133, 139, 151

P

Patriarcado 3, 10, 11, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 58, 60, 63, 90, 125, 133

Política 1, 3, 7, 8, 10, 29, 31, 32, 37, 38, 70, 72, 75, 76, 82, 92, 103, 105, 106, 107, 108, 117, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139, 142, 150, 154

Políticas públicas 4, 28, 32, 36, 37, 66, 75, 102, 104, 106, 107, 108, 124, 129, 131, 145, 151, 154

Práticas religiosas afro-brasileiras 1

Preconceito 59, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 104, 107, 135, 143, 145, 149, 155

Prostituição 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 128

R

Regulamentação 3, 65, 66, 71, 75, 76, 77, 102, 149

S

Sociedade 2, 10, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 21, 22, 27, 29, 30, 32, 33, 36, 37, 41, 43, 45, 46, 47, 51, 54, 57, 59, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 77, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 103, 104, 109, 111, 117, 119, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 138, 139, 144, 154

T

Transfeminicídio 4, 122, 124, 126, 131, 138, 151, 155

Transfobia 122, 124, 131, 134, 135, 145

V

Violência 3, 4, 12, 13, 14, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 48, 49, 50, 58, 60, 76, 87, 105, 109, 112, 119, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 138, 139, 142, 143, 148, 151, 152, 154, 156

Violência de gênero 4, 13, 14, 28, 29, 30, 31, 37, 39, 122, 123, 124, 125, 131, 133

Violencia familiar 89, 90, 92, 93, 94, 96, 97, 99, 100





Violencia física 89, 90, 91, 96, 99

Violencia psicológica 89

GÊNERO E SEXUALIDADE:

Lugares, história e condições

2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022

GÊNERO E SEXUALIDADE:

Lugares, história e condições

2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022